

O BILINGUISMO PORTUGUÊS/ HOLANDÊS EM CARAMBEÍ/PR

Leticia Fraga*

Resumo: Carambeí é a primeira colônia holandesa fundada no Brasil em 1911. E apesar de ser bastante antiga, até hoje temos a impressão de que saímos do Brasil quando vamos a Carambeí e conhecemos sua gente. Mas o que é fato e o que é impressão? Quem são os carambeienses? Falam português? Holandês? Considerando que essas questões ainda não foram suficientemente respondidas, este estudo pretende fazer um levantamento dos usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa nessa localidade.

Palavras-chave: Bilinguismo português/holandês; usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa.

INTRODUÇÃO

Carambeí, uma pequena cidade de 17 mil habitantes distante 15 quilômetros da cidade de Ponta Grossa/PR, é uma das três colônias holandesas do Estado do Paraná. Mais especificamente, a primeira – portanto, a mais antiga – colônia holandesa do Brasil, fundada em 1911.

Neste artigo, pretende-se descrever a situação linguística da comunidade “holandesa”¹ de Carambeí, mais especificamente a questão do bilinguismo em

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutora pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

¹ Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/ “holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/ “brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses. A opção por essas designações deu-se por duas razões: os próprios “holandeses” de Carambeí fazem essa distinção (autodenominam-se “holandeses” e distinguem-se dos não holandeses, a quem chamam “brasileiros”), e Rickli (2003) propõe, em seu trabalho sobre a colônia de Castrolanda, a utilização do termo “brasileiro” como referência ao indivíduo que nasceu no Brasil e que não tem ascendência holandesa.

português/holandês dos “holandeses”, tomando como unidade de análise a comunidade de fala holandesa, a família e o indivíduo da colônia de Carambeí. Como hipótese de trabalho, propõe-se que o bilinguismo em português/holandês é cada vez menos frequente nas famílias e no indivíduo “holandês” de Carambeí.

MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta pesquisa, para fazer o levantamento dos dados a respeito do bilinguismo em português/holandês em Carambeí, utilizou-se o método etnográfico, que permite que “uma variedade de métodos sejam utilizados para minimizar a imposição das percepções e categorias culturais [do pesquisador] no registro e interpretação de um outro sistema”, como afirma Saville-Troike (1989, p. 128). É sabido que estudos etnográficos muito têm contribuído para o entendimento da história da cultura de diferentes povos. Portanto, utilizar o método etnográfico significa levantar todos os dados possíveis de uma comunidade, no sentido de investigar um determinado grupo e sua cultura específica.

A investigação da comunidade “holandesa” de Carambeí, mediante aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, compreendeu aproximadamente o período de um ano e meio: de março de 2005 a agosto de 2006. Observações como “*sympathetic participant-observer*” ou “*analytical participant-observer*”, isto é, junto com o grupo e sobre o grupo, foram ambas adotadas, já que a comunidade está relativamente acostumada a tais formas de observação, especialmente pelo contato com jornalistas, com turistas do país e do exterior e com pesquisadores.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram a observação, a entrevista e o questionário, que são bastante relevantes no caso de um trabalho de campo na área de sociolinguística, como este estudo.

Os informantes selecionados para a entrevista residem tanto numa pequena área urbana quanto em locais mais afastados, na área propriamente rural (em fazendas e sítios), e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas as localizações, uma vez que se visitaram várias famílias “holandesas” de Carambeí. No total, foram entrevistadas 24 pessoas.

Os critérios gerais preestabelecidos para seleção dos informantes foram os seguintes:

- Ter mais de 18 anos;
- Ser descendente de holandeses (pelo lado materno ou paterno);
- Ter nascido (ou se mudado até os cinco anos) e sempre vivido na região de Carambeí;
- Ser bilingue em português/holandês em algum grau.

O perfil dos informantes será descrito na sequência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar os usos linguísticos de que a comunidade de “holandeses” estudada lança mão em suas relações internas, também denominadas intracomunitárias ou privadas, procurou-se definir o estatuto que o português e o holandês detêm na comunidade em função dos usos que lhe são atribuídos. Para tanto, é necessário discutir a noção de domínio linguístico.

UMA OBSERVAÇÃO SOBRE “DOMÍNIO LINGUÍSTICO”

Um domínio linguístico é uma situação particular em que ocorre uma determinada interação social (FISHMAN, 1967). Por exemplo, uma interação entre pessoas de uma mesma família pertence ao domínio familiar, enquanto uma interação entre professores e alunos pertence ao domínio escolar e assim por diante. Segundo Fishman (1967), os principais domínios linguísticos são a família, a escola, a igreja, o trabalho e a rua ou a vizinhança. Cada um desses domínios pode exigir uma única língua ou mais, dependendo do local onde ocorre a interação, dos participantes da interação, da relação afetiva entre eles, do tópico a ser discutido, do grau de formalidade ou informalidade da situação e da função da interação. Assim, a noção de domínio linguístico não se restringe ao local propriamente dito, mas à situação como um todo, e está também atrelada às expectativas de uso da(s) língua(s) num contexto específico.

Considerando a definição de Fishman (1967), neste artigo se determinarão os usos das línguas portuguesa e holandesa nas interações verbais entre pessoas de uma mesma comunidade étnica, no domínio privado.

Para Fishman (1967), as interações verbais podem se dar tanto em *domínio privado*, como as interações verbais ocorridas nas relações familiares, quanto em *domínio público*, como as interações verbais ocorridas fora do núcleo familiar. Essa divisão se baseia nos trabalhos de Fishman (1967, p. 586), que afirma que:

Um domínio é um agrupamento de tipos de situações que acontecem sempre; é a maneira como as línguas ou variedades de línguas e seus repertórios se opõem entre si, em relação a um tipo de situação. E os membros de uma comunidade de discurso julgam que o uso daquela variedade, e não de outras, é apropriado para aquele domínio (tradução nossa).

OS USOS LINGUÍSTICOS DA COMUNIDADE “HOLANDESA” DE CARAMBEÍ NO DOMÍNIO PRIVADO

Como foi dito, as relações ocorridas no círculo familiar dão-se em domínio privado. Fishman (1972) considera que a observação das relações familiares é relevante na compreensão de comunidades bilíngues. Segundo Fishman (1972, p. 587):

O multilinguismo geralmente começa no domínio da família e depende de fortalecimento, se não de proteção. Em outros casos, o multilinguismo retrocede no domínio da família depois de ter sido deslocado de outros domínios em que foi previamente encontrado (tradução nossa).

Como a família é um sistema de intercomunicação que compreende subsistemas (díades, tríades ou grupos maiores), a descrição do comportamento linguístico das díades leva o pesquisador ao entendimento do comportamento linguístico da família e, por analogia, ao entendimento do comportamento linguístico da comunidade em que essas famílias estão inseridas (FISHMAN, 1972). Esse método:

Não somente reconhece que os membros da família interagem (como os participantes na maioria dos outros domínios de comportamento da língua) [...],

mas também que seu comportamento pode não ser meramente um problema de preferência individual ou facilidade, mas um problema de relação (FISHMAN, 1972, p. 588).

Para observar e analisar adequadamente os usos linguísticos nas relações familiares da comunidade dos “holandeses” de Carambeí/PR, é preciso fazer algumas observações sobre alguns dados da história dessa comunidade. Os membros da comunidade de Carambeí viveram durante muito tempo isolados da sociedade brasileira, frequentando somente a escola da colônia e a Igreja Evangélica Reformada, onde não se falava a língua portuguesa. De modo geral, viviam em isolamento geográfico e linguístico, o que garantia o predomínio exclusivo da língua holandesa.

Atualmente, a comunidade “holandesa” de Carambeí apresenta uma situação diferente da observada anteriormente. Com o passar do tempo, os integrantes da comunidade passaram a viver uma situação de estabilidade em que o contato com a sociedade envolvente tornou-se necessário e constante. Dessa forma, o português e a realidade da vida brasileira tornaram-se parte integrante da vida da comunidade de forma bastante concreta. Os carambeienses, aliás, se orgulham do fato de a colônia holandesa de Carambeí não ser tão “fechada” quanto a colônia de Castrolanda, conforme se pode perceber pelo depoimento a seguir:

Anos atrás visitou aqui um professor da Universidade Federal do Paraná. Ele precisava comprar gado, não sei bem o que ele tava fazendo aqui. Ele me olhou e perguntou pra mim: “Por que os holandeses de Castrolanda são mais mal-educados que em Carambeí?”. Evidentemente não é verdade, mas eu perguntei: “Por que o senhor tá perguntando isso”?. “Não”, ele falou, “quando eu chego em Castrolanda, eles dizem pra mim ‘não entendo’ e viram-se e vão falar em holandês. E aqui em Carambeí, como é ruim eles falam português, mas falam português com a gente”. Esta ele gostou. E até hoje é assim (HS).

A seguir se fará uma descrição dos usos da língua holandesa e portuguesa no domínio denominado privado. Essa descrição resulta da aplicação de questionários e da realização de observações e entrevistas com seis famílias de descendentes de holandeses. Em relação ao estudo das díades familiares, segue-se a orientação de Fishman (1967).

DISCUSSÃO: O ESTUDO DAS DÍADES FAMILIARES

Para a observação das díades familiares estudadas, apresentar-se-ão o perfil de cada família, representada pela história linguística pessoal de cada membro, e, em seguida, o quadro das interações verbais que os membros de cada família mantém entre si. Para efeito de identificação, cada família recebeu um número (no caso, de 1 a 4) e seus membros são representados por suas iniciais. Serão utilizadas as seguintes abreviações:

- Hol – língua holandesa;
- Por – língua portuguesa;
- Hol>Por – predomínio da língua holandesa;
- Por>Hol – predomínio da língua portuguesa;
- Hol/Por – uso equilibrado.

Família 1

DCG – 70 anos, casado com DDG.
 DDG – 62 anos, casada com DCG.
 MG – 33 anos, filha de DCG e DDG.
 JG – 30 anos, filha de DCG e DDG.
 LG – 28 anos, filha de DCG e DDG.
 CG – 2 anos, filho de MG.

Na família 1, observam-se as seguintes díades familiares:

Marido/esposa
 Pai/filhas
 Mãe/filhas
 Irmã/Irmã
 Mãe/filho
 Avós/neto

A língua holandesa domina nas interações entre marido (DCG) e esposa (DDG); mãe e filhas (DDG e MG/JG/LG); mãe e filho (MG e CG); e avós e neto (DCG/DDG e CG). Já nas interações entre pai e filhas (DCG e MG/JG/LG), e irmã e irmã (MG/JG/LG), o português predomina.

Com base nesses dados, apresentamos o Quadro 1:

Quadro 1 – Idiomas usados nas díades da família 1

	DCG	DDG	MG	JG	LG	CG
DCG	/	Hol	Por	Por	Por	Hol
DDG	Hol	/	Hol	Hol	Hol	Hol
MG	Por	Hol	/	Por	Por	Hol
JG	Por	Hol	Por	/	Por	Hol
LG	Por	Hol	Por	Por	/	Hol
CG	Hol	Hol	Hol	Hol	Hol	/

Família 2

WF – 80 anos, casado com JF.
 JF – 78 anos, casada com WF.
 AF – 51 anos, filho de WF e JF.
 DF – 47 anos, casada com AF.
 DF – 24 anos, filho mais velho de AF e DF.
 GF – 22 anos, filha de AF e DF e irmã gêmea de FF.
 FF – 22 anos, filho de AF e DF e irmão gêmeo de GF.

Na família 2, observam-se as seguintes díades familiares:

Marido/esposa
 Pai/filho
 Mãe/filho
 Sogro, sogra/nora
 Pai/filhos

Mãe/filhos
Irmão/Irmã
Avós/netos

A língua holandesa domina nas interações entre marido e esposa (WF e JF), avós e netos (WF/JF e DF/GF/FF) e pai/mãe e filho (WF/JF e AF). No entanto, na relação filho e pai/mãe, há uma alternância entre holandês e português, conforme ilustra o depoimento:

Meu pai tem 80 anos e minha mãe tem 78, e eu já tô começando a sentir. Eu nunca tinha sentido isso antes, hoje eu tô sentindo que a conversa na casa deles tá diminuindo, eu tô sentindo que eu falo mais em português com eles do que em holandês, mesmo sabendo que o holandês tá sendo mais importante pra eles (AF).

Por sua vez, nas interações entre marido e esposa (AF e DF), pai e filhos (AF e DF/GF/FF), mãe e filhos (DF e DF/GF/FF), sogros e nora (WF/JF e DF) e irmão e irmã (DF/GF/FF), o português predomina.

O Quadro 2 resume o estudo sociolinguístico das díades da família 2:

Quadro 2 – Idiomas usados nas díades da família 2

	WF	JF	AF	DF	DF	GF	FF
WF	/	Hol	Hol/Por	Por	Hol	Hol	Hol
JF	Hol	/	Hol/Por	Por	Hol	Hol	Hol
AF	Hol	Hol	/	Por	Por	Por	Por
DF	Por	Por	Por	/	Por	Por	Por
DF	Hol	Hol	Por	Por	/	Por	Por
GF	Hol	Hol	Por	Por	Por	/	Por
FF	Hol	Hol	Por	Por	Por	Por	/

Família 3

MB – 76 anos.
BD – 51 anos, genro de MB.
AD – 47 anos, filha de MB.
CD – 23 anos, filho de BD e AD.
FD – 19 anos, filha de BD e AD.
GD – 16 anos, filho de BD e AD.

Na família 3, observam-se as seguintes díades familiares:

Mãe/filha
Marido/esposa
Sogra/genro
Pai/filhos
Mãe/filhos
Irmão/Irmã
Avó/netos

Nas interações entre marido e esposa (BD e AD), mãe e filha (MB e AD), genro e sogra (BD e MB) e avô e netos mais velhos (MB e CD/FD), a língua holandesa está um pouco mais presente do que a língua portuguesa. Já nas relações entre pai e filhos (BD e CD/FD/GD), mãe e filhos (AD e CD/FD/GD), irmão e irmã (CD/FD/GD) e avô e neto mais novo (MB e GD), o português predomina.

Na família 3, observa-se um fenômeno bastante comum nas famílias “holandesas” de Carambeí: no caso dos jovens, a fluência em língua holandesa diminui do primeiro filho (CD) em relação ao segundo (FD) e deste em relação ao terceiro (GD):

Ele ainda fala um pouco o holandês, porque nós, no início de casado, nós só falávamos holandês dentro de casa e daí com o tempo foi se perdendo, né? Mas ele é o que ainda melhor fala holandês da família, o mais velho, porque nós só falávamos o holandês com ele, né? Pra ele aprender português na escola ou na rua e holandês em casa. O mais novo entende alguma coisa, mas falar não fala nada (BD).

O Quadro 3 resume o estudo sociolinguístico das díades da família 3:

Quadro 3 – Idiomas usados nas díades da família 3

	MD	BD	AD	CD	FD	GD
MD	/	Hol/Por	Hol/Por	Por>Hol	Por>Hol	Por
BD	Hol>Por	/	Hol/Por	Por	Por	Por
AD	Hol>Por	Hol/Por	/	Por	Por	Por
CD	Por>Hol	Por	Por	/	Por	Por
FD	Por	Por	Por	Por	/	Por
GD	Por	Por	Por	Por	Por	/

Família 4

HS – 75 anos, casado com THS.

THS – 69 anos, casada com HS.

MS – 44 anos, filho de HS e THS.

AHS – 41 anos, filha de HS e THS.

KRS – 39 anos, filha de HS e THS.

MLS – 37 anos, filho de HS e THS.

Na família 4, observam-se as seguintes díades familiares:

Marido/esposa

Mãe/filhos

Pai/filhos

Irmão/Irmã

No caso da família 4, há predomínio da língua holandesa nas interações entre marido e esposa (HS e THS) e pai e filhos mais velhos (HS e MS/AHS), ainda que nestas últimas se utilize também a língua portuguesa. Já nas relações entre pai e filhos mais novos (HS e KRS/MLS), mãe e filhos (THS e MS/AHS/KRS/MLS) e irmão e irmã (MS/AHS/KRS/MLS), predomina o português.

Na família 4, também se observa que a fluência em língua holandesa diminui do primeiro filho em relação ao último pelas razões que o informante expõe no seguinte depoimento:

Mais velho foi para a escola e aprendeu português lá na escola, mas aprendendo lá ele começou falar português em casa e lógico que assim, os mais novos aprenderam português pouco em casa, né? [no sentido de aprenderam um pouco de português em casa] (HS).

O Quadro 4 resume o estudo sociolinguístico das díades da família 4:

Quadro 4 – Idiomas usados nas díades da família 4

	HS	THS	MS	AHS	KRS	MLS
HS	/	Hol	Por>Hol	Por>Hol	Por	Por
THS	Hol	/	Por	Por	Por	Por
MS	Hol/Por	Por	/	Por	Por	Por
AHS	Hol/Por	Por	Por	/	Por	Por
KRS	Por	Por	Por	Por	/	Por
MLS	Por	Por	Por	Por	Por	/

Resultados

Examinando as famílias de 1 a 4, observa-se que os usos linguísticos nas díades familiares estão relacionados aos grupos etários de que os representantes fazem parte. Assim é possível apontar que:

- Na díade avós/netos que envolve a relação entre idosos, jovens e crianças, o uso do holandês e do português é equilibrado.
- Na díade pais/filhos que envolve idosos e adultos, prevalece o uso do holandês, com pouquíssimo uso de português; no entanto, quando a díade diz respeito à relação entre adultos, jovens e crianças, prevalece o uso do português.
- Na díade marido/esposa que envolve a relação entre idosos, prevalece o uso do holandês; já quando envolve a relação entre adultos, há um uso equilibrado das duas línguas.
- Na díade sogros/genro/nora, prevalece o holandês.
- Na díade irmão/irmã que envolve adultos, jovens e crianças, prevalece o uso da língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, propusemo-nos a responder a uma série de questões a respeito da colônia holandesa de Carambeí e da comunidade “holandesa” que lá se estabeleceu há quase um século. Propomo-nos a analisar mais detidamente

te o indivíduo “holandês” com o propósito de estabelecer: a) os usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa em Carambeí; b) se o bilinguismo em português/holandês é menos frequente nas famílias e no indivíduo “holandeses” de Carambeí, considerando o grupo dos idosos em relação aos adultos e dos adultos em relação aos jovens.

No que diz respeito à primeira questão que nos propusemos a responder, a que trata dos usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa em Carambeí, concluímos que: os informantes idosos do sexo masculino são bilíngues em português e holandês, e assim como as do sexo feminino. No entanto, a frequência com que as idosas falam a língua holandesa (no domínio privado) é maior. Casais idosos usam a língua holandesa quase exclusivamente entre si, assim como as idosas usam quase exclusivamente a língua holandesa com filhos e filhas (especialmente com as filhas) e genros e noras. Quando os netos são bem pequenos, também se reserva a língua holandesa para essas interações. Já os idosos usam com filhos e filhas adultos tanto holandês quanto português. Os adultos, tanto homens quanto mulheres, são bilíngues em holandês e em português, mas reservam o uso da língua holandesa para falar com os sogros e pais idosos, especialmente com as mães. Quando falam com os filhos e com os seus irmãos, usam exclusivamente a língua portuguesa. Os jovens (tanto moças quanto rapazes), por sua vez, usam quase exclusivamente a língua portuguesa, com os seus pais e seus irmãos. Quando usam a língua holandesa (quando sabem falar holandês, pois a maioria é bilíngue incipiente em holandês), reservam-na para falar com os avós.

Com relação à segunda questão, a que trata da ocorrência do bilinguismo em português/holandês em Carambeí, percebe-se que as duas línguas têm ocorrências equilibradas em domínio privado, mas é preciso considerar que a taxa de bilinguismo no caso dos mais jovens é baixo, resultado de uma baixa taxa de transferência da língua holandesa. De acordo com Calvet (1996, p. 36), considerando o grau de uso, o grau de reconhecimento (o *status*) e o grau de funcionalidade, que são os principais índices por meio dos quais se medem as possibilidades de uma língua minoritária (que é o caso da língua holandesa) desaparecer, pode-se dizer, de acordo com os resultados desta pesquisa, que a língua holandesa, em Carambeí, está ameaçada, especialmente no que diz respeito ao grau de uso, já que cada vez menos jovens falam holandês.

REFERÊNCIAS

- CALVET, L.-J. *Les poliquestes linguistiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.
- FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, 1967.
- _____. *The sociology of language*. Rowley: Newbury House, 1972.
- RICKLI, J. F. *A comunidade da benção: religião, família e trabalho na colônia Castrolanda*. 2003. 146 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

SAVILLE-TROIKE, M. *The ethnography of communication, an introduction*. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1989.

FRAGA, L. Portuguese/Dutch bilingualism in Carambeí/PR. *Todas as Letras* (São Paulo), v. 11, n. 1, p. 82-91, 2009.

Abstract: Carambeí is Brazil's first Dutch settlement, founded in 1911. In spite of being quite old, it seems as though one has left Brazil when one visits Carambeí and meets its people. But what is fact and what is impression? Who are the Carambeenses? Do they speak Portuguese? Do they speak Dutch? Considering that these queries were not sufficiently answered, this study intends to do a survey of the functional use of the Portuguese and Dutch languages.

Keywords: Portuguese/Dutch bilingualism; functional use of Portuguese and Dutch.